

TIPOS DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM BEBÊS: UMA CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO PSICANALÍTICA ESCRITA BRASILEIRA

Paulo José da Costa¹⁹
Grazieli Rosa²⁰
Rosinei Aparecida Ferreira²¹

Resumo: O presente artigo teve como objetivo realizar uma caracterização da produção psicanalítica escrita acerca dos trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, através da revisão sintética das modalidades identificadas e da categorização dos diferentes tipos de produção escrita, seus respectivos delineamentos, bem como determinar as influências teóricas predominantes a partir da análise das referências contidas nos trabalhos consultados, estabelecendo elementos que permitissem verificar de que modo acontecem as possíveis contribuições da comunidade psicanalítica brasileira em relação ao tema. O material selecionado constituiu-se de artigos de periódicos, capítulos de livro e trabalhos publicados em anais, num total de 49 produções examinadas. Destaca-se ainda a importância de novos estudos para o avanço do conhecimento nessa área.

Palavras-chave: intervenção precoce, intervenção psicológica com bebês, clínica de bebês, produção psicanalítica escrita, psicanálise.

Abstract: The present article had as objective to accomplish a characterization of the Brazilian written psychoanalytic production concerning the work of intervention with children 0-2 years through the short review of methods identified and the categorization of the different types of writing and producing their designs and to determine predominant theoretical influences from the analysis of the references contained in the studies reviewed, establishing evidence establishing how they make the possible contributions of the psychoanalytic community in relation to the Brazilian theme. The selected material was constituted of articles from newspapers, book chapters and works published in annals, in a total of 49 examined productions. It is also highlighted the importance of new studies for the advancement of knowledge in this area.

Key-words: early intervention, psychological intervention with infants, clinic babies, written psychoanalytic production, psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Desde Sigmund Freud foram muitos os autores psicanalíticos que contribuíram para a compreensão da importância das primeiras relações do bebê e seu desenvolvimento. Contudo, embora a psicanálise desde o seu início tenha investigado os aspectos iniciais do psiquismo

¹⁹ Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Rua Campos Sales, 255 – ap. 102. Fone: (44) 30317007. CEP 87.020-080 – Maringá-PR.

E-mail: picosta@uem.br

²⁰ Psicóloga, Especialista em Saúde Mental e Intervenção Psicológica pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

²¹ Psicóloga, ex-aluna do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá.

humano e seus desenvolvimentos posteriores consolidaram o atendimento clínico de crianças muito pequenas, ainda são muito novas as idéias ligadas aos contextos clínicos com bebês ou de intervenção psicanaliticamente orientada em contextos não-clínicos com essa população relacionada aos primeiro e segundo anos de vida, particularmente em nosso país.

Entendemos contextos clínicos como aqueles em que estão presentes, em sentido estrito, as características peculiares do *setting* psicanalítico ou psicoterapêutico. Os contextos não-clínicos seriam todos aqueles em que a postura interventiva do profissional não se configura em torno do objetivo de fazer análise propriamente ou psicoterapia psicanalítica, tais como centros de educação infantil, pré-escolas, unidades pediátricas, berçários, etc.

Considerando ambos os contextos, é possível observar na literatura propostas de trabalhos, que vão desde a psicanálise propriamente dita aplicada nos primeiros anos de vida da criança e o desenvolvimento de outros modelos psicoterapêuticos de inspiração psicanalítica (CRAMER, 1993; SZEJER, 1999; 2006; TRAD, 1997), até outras possibilidades de intervenção em diferentes campos que não possuem características clínicas em sentido estrito (MÉLEGA, 1990; s. d.[a]; MÉLEGA; PALMIGIANI, s. d.; NALDONY, s. d.).

Parece-nos importante e justificável estabelecer um panorama geral sobre o assunto em nossa realidade brasileira, cuja sistematização contribuiria para mais um espaço de discussão, quanto permitir o desencadeamento de questões para novas investigações nesse campo. Assim, nos propomos a investigar as possíveis intervenções orientadas para contextos clínicos e não-clínicos, que tenham o propósito de atingir os protagonistas dessa fase inicial da vida: o bebê, seus pais e/ou cuidadores.

Desse modo, o presente estudo teve como objetivo realizar uma caracterização da produção psicanalítica escrita no Brasil, acerca dos trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, através da revisão sintética das modalidades identificadas e da categorização dos

diferentes tipos de produção escrita e seus respectivos delineamentos, bem como determinar as influências teóricas predominantes a partir da análise das referências contidas nos trabalhos consultados, estabelecendo elementos que permitam verificar de que modo se dão as possíveis contribuições da comunidade psicanalítica brasileira em relação ao tema.

2. MÉTODO

Trata-se de um estudo de caráter exploratório, na perspectiva da pesquisa bibliográfica do tipo documental (WITTER, 1990), centrando-se a investigação no material bibliográfico brasileiro, segundo o referencial psicanalítico que, doravante, denominar-se-á material selecionado.

2.1 Material Selecionado

Foram identificadas 49 produções escritas, segundo o referencial psicanalítico, entre resumos de trabalhos publicados em anais de eventos, capítulos de livros e artigos de periódicos, que se constituíram em objeto efetivo do presente estudo, abrangendo um período de 1987 a 2002. A delimitação do material selecionado a esse período se deu em função da grande quantidade de produções encontrada em geral, levando-nos a decidir por um corte delimitador, ficando aqueles de época posterior para outro estudo.

2.2 Procedimento

Realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema em estudo na produção científica nacional, através de meios eletrônicos (bases de dados *on line*), a partir do qual identificamos o material que se constituiu em objeto de análise no presente trabalho,

decorrência de sua localização e acesso, destacando-se na sequência a leitura e fichamento do que foi encontrado. Com base nesses passos, numa primeira etapa elaboramos a revisão sintética acerca dos tipos de trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, tendo em vista que nosso propósito é a caracterização e não uma análise particular de cada modalidade encontrada. Numa segunda, desenvolvemos a categorização do material selecionado quanto ao tipo de produção bibliográfica (artigo de periódico, livro e capítulo de livro, resumo publicado em anais), quanto ao tipo de delineamento (teórico, teórico-prático, comunicação da prática e correlacional), bem como a análise das listas de referências bibliográficas nele contida. Os trabalhos considerados como teóricos continham considerações do autor sobre um determinado assunto, através da revisão ou discussão do tema; os teórico-práticos consistiam numa discussão teórica ilustrada com um ou mais estudos de caso; as comunicações da prática se referiam aos relatos de experiências desenvolvidas no campo da prática profissional; e o correlacional como aqueles que buscavam estabelecer relações entre duas ou mais variáveis, segundo o objeto estudado. Nessa segunda etapa os dados levantados receberam tratamento estatístico simples, em termos de frequências, porcentagens e média.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Revisão Sintética

Conforme descritos na literatura, elaboramos uma revisão sintética acerca dos tipos de trabalhos de intervenção com crianças de 0 a 2 anos, tendo em vista que nosso propósito é a caracterização e não uma análise particular de cada modalidade encontrada.

3.1.1 Intervenções em contextos clínicos

a) Consultas terapêuticas: consiste na observação da interação mãe-bebê e, se possível, também com outros membros da família, procurando colher toda a história de vida do bebê, o que envolve o relacionamento de seus pais com a concepção, o nascimento, o desenvolvimento e o sintoma, onde todos quantos participam falam sobre o bebê e a escuta, o olhar e a fala do profissional propiciam as condições necessárias de compreensão e acolhimento que favorecem, durante o processo apenas as sessões que forem necessárias ao propósito das consultas (SILVA, 2002). Inspira-se em Winnicott e apóia-se no instrumental oferecido pelo método de Esther Bick, sendo que no caso relatado pela autora, as consultas terapêuticas duraram quatro sessões.

b) Consultas terapêuticas conjuntas pais-filhos: semelhante à anterior tem como ponto de partida o método de observação de Esther Bick e busca avaliar situações-problemas entre pais e filhos. Privilegia o atendimento conjunto, a escuta, a observação e a continência emocional do terapeuta, de modo a “[...] manter um clima suficientemente tolerável para que a comunicação aconteça” (MÉLEGA, 2002, p. 534), advindo desse clima novas compreensões que poderão ser oferecidas ao grupo. Segundo Caron (1997), o analista faz poucas intervenções de maneira simples e sem artificialismo para permitir que pais e filhos compartilhem com ele as perturbações da relação de modo que possam surgir reflexões que melhorem a interação.

c) Psicoterapia breve: aplica-se em determinados casos e, em geral, dura no máximo seis meses, sendo que as intervenções se limitam ao campo dos conflitos da relação mãe-bebê e seus equivalentes na história de vida da mãe (EDELSTEIN, 2000). Nesse processo o bebê denuncia os conflitos por meios cinestésicos, sendo a intervenção do tipo focal objetivando tratar a crise (MALTZ, 1997).

d) Acompanhamento individual da criança desde a internação: de acordo com o relato de Marreco et al. (1987), a criança, inclusive o bebê, é acompanhada por um psicólogo em todos os espaços por ela freqüentados, desde o momento da internação até o momento da alta, avaliando-se, a partir daí, a necessidade do encaminhamento ou não para um processo psicoterapêutico. Caso isso seja identificado, a criança será atendida individualmente em sessões diárias. As crianças de menor idade, como os bebês, requerem maior cuidado no atendimento, tendo em vista a particularidade desse momento de vida (HOEFEL, 2001; VALANSI; MORSCH, 2002).

e) Análise de crianças: acontece com a presença do bebê e seus pais, tornando possível observar a intersecção dos campos desejantes entre os pais e o bebê (SIGAL, 2001).

3.1.2 Intervenções em contextos não-clínicos

a) Formação de grupos de apoio: durante o processo de internação hospitalar do bebê, tendo em vista a forte ligação afetiva da criança com sua mãe, propõe-se a formação de grupos de mães, nos quais elas possam expressar seus conflitos, sentimentos e necessidades, para que consigam lidar com suas angústias e, conseqüentemente, favorecer as condições emocionais do bebê (MARRECO et al., 1987).

b) Atendimento ao bebê pré-termo: a situação de prematuridade é dramática, tanto para o bebê quanto para seus pais, bem como para a equipe de cuidadores, necessitando que as vivências mobilizadas por essa condição sejam acolhidas pelo profissional (ROSA, 2000), com o intuito de intervir no sentido de intermediar as primeiras relações, tendo em vista possibilitar o encontro e a aproximação mãe-bebê (AGOSTINHO, 2002; GOMES, 2001). Desse modo, Szejer (1999) e Gomes (2001) afirmam que, diante do parto pré-termo, deve-se realizar um trabalho denominado de “prevenção sistemática”, que visa estimular a

aproximação mãe-bebê, de modo a favorecer que a figura materna possa exercer a preocupação materna primária. Para isso é preciso que essa mãe também seja amparada nas suas angústias, criando-se condições favoráveis à expressão de seus sentimentos profundos, suas emoções e fantasias (CARON, 2000).

c) Intervenção em casos de internação logo após o nascimento: embora possa ser aplicada na condição de nascimento prematuro, aqui se considera a condição de internação na qual o bebê a termo é acometido de um problema grave de saúde, muitas vezes com a possibilidade de morte da criança. Essa condição exige uma intervenção que propicie o surgimento de uma fala que implique os pais com o bebê para que, desse modo, ele possa ter alguma significação simbólica, resgatando a inscrição do recém-nascido no discurso dos pais (JERUSALINSKY, 2000; MAGGI; PEREIRA; PANIZ, 2002; MARTINI, 2000; PEREIRA, 2002; WIRTH, 2000).

d) A utilização da Observação da Relação Mãe-Bebê no ambulatório e no hospital: segundo Alves, (2000), Martini (2000), Mélega e Palmigiani, (s. d.) e Wirth (2000), a aplicação do método de observação criado por Esther Bick no contexto do ambulatório e do hospital visa criar um espaço para que as angústias da mãe, decorrentes da hospitalização do filho, sejam vivenciadas, a partir da presença sistemática e respeitosa do observador, isenta de críticas, não intrusiva, continente e empática. Ainda de acordo com os autores, auxilia a desenvolver na equipe que cuida diretamente da criança a que se identifique com ela, suporte a angústia e aceite ser colocada no lugar de sádica, a não aumentar a culpa dos pais, a ser receptáculo sem ser passiva, a apoiar sem invadir, a avaliar sem críticas, a aceitar as dúvidas, as angústias e também os elogios. Nessa modalidade, o observador tem como tarefa fortalecer os vínculos, o que é diferente de tratamento, ensino ou aconselhamento (MARTINI, 2000), e oferece alguns benefícios sem entrar em dinamismos inconscientes (SILVA, 1988).

e) A utilização da Observação da Relação Mãe-Bebê no centro de educação infantil: a observação segundo o modelo criado por Esther Bick, aplicado nesse contexto, consiste na presença de um observador que possa olhar a dor e a culpa dos pais, tentando ajuda-los a partir de sua postura, da sua atitude receptiva e reflexiva, acolhendo sem atuar; servindo como modelo de identificação para os atendentes, o que promove um reajuste na equipe que passa a perceber e intervir como facilitadora do desenvolvimento da criança, particularmente dos bebês (CHAHON; SILVA; ARAÚJO, 2002; LEJDERMAN; KOMPINSKY, 2000; SANTOS; MOURA, 2002).

3.2 Categorização do Material Selecionado

Tendo por base o material selecionado no período de 1987 a 2002, a seguir são apresentados os resultados alcançados, iniciando com a Tabela 1, onde consta a categorização quanto aos diferentes tipos de produção escrita.

Tabela 1

Tipo de Produção Psicanalítica Escrita Sobre Intervenção com Bebês		
<i>Delineamento</i>	<i>Freqüência</i>	<i>%</i>
Artigo de periódico	33	67,4
Capítulo de livro	08	16,3
Resumo publicado em Anais	08	16,3
Total	49	100

É possível observar que os periódicos científicos são o principal meio para a divulgação de materiais acerca do tema proposto, visto que corresponde a 67,4% do material selecionado. Contudo, embora com menor freqüência, considera-se que os outros meios citados também são de fundamental importância. Destaque-se que outros tipos de materiais escritos, tais como resenhas, monografias, dissertações e teses, não foram encontrados pelo

levantamento realizados nas bases *on-line*; o que não quer dizer que não existissem, mas, talvez, não estivessem disponíveis aos meios usados para a identificação do material.

Na Tabela 2 são apresentadas as classificações do material selecionado quanto ao tipo de delineamento, conforme definido anteriormente, a partir de suas características próprias.

Tabela 2

Classificação Quanto ao Tipo de Delineamento da Produção Psicanalítica Escrita Brasileira		
<i>Delineamento</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Teórico-prático	20	40,8
Comunicação da prática	16	32,7
Teórico	11	22,4
Correlacional	02	4,1
Total	49	100

Destacam-se os trabalhos com delineamento do tipo teórico-prático, seguidos em ordem decrescente pelos tipos comunicação da prática e teórico, sendo que os de tipo correlacional apresentam frequência quase inexpressiva. Tais resultados indicam que a maioria das publicações sobre o assunto nessa área está mais voltada para questões técnicas e práticas, com predominância de características descritivas. Provavelmente essas constatações se devem às características e especificidades da teoria e do método psicanalíticos, bem como ao fato de se referirem a práticas profissionais ainda muito novas em nosso meio, particularmente se considerarmos o período de abrangência do material selecionado.

Tabela 3

AUTORES E OBRAS MAIS INDICADAS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MATERIAL SELECIONADO

AUTOR(ES)	OBRA	FREQÜÊNCIA
BICK, E.	Notes on infant observation in psychoanalytic training. <i>International Journal of Psychoanalysis</i> , v.45, n.4 p.558-566, 1964. [ou] In. HARRYS, M. e BICK, E. – <i>Collect Papers</i>	15

	<i>of Martha Harrys and Esther Bick. Scotland Clinic Press, p. 240-256.</i>	
BION, W.R.	<i>Experiences in groups, and other papers. Tavistock and New York: Basic. (1961)</i>	04
BION, W.R.	<i>Atenção e Interpretação. Rio de Janeiro: Imago, 1973.</i>	04
BION, W.R.	<i>Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts). Rio de Janeiro: Imago, 1988.</i>	05
BOWLBY, J.	<i>Apego e perda: apego. São Paulo: Martins Fontes, 1984a. v.1.</i>	12
BOWLBY, J.	<i>Apego e perda: separação. São Paulo: Martins Fontes, 1984b. v. 2.</i>	05
BOWLBY, J.	<i>Uma base segura: implicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.</i>	04
BRAZELTON, T. B.; KOSLOWSKI, B.; MAIN, M.	<i>The origins of reciprocity: The early mother-infant interaction, In: LEWIS, M.; ROSENBLUM, L. (ed.) The effect of the infant on its caregiver. New York, John Wiley e Sons, 1974.</i>	04
BRAZELTON, T.B. et al.	<i>A dinâmica do bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.</i>	05
CRAMER, B. e PALACIO-ESPASA, F.	<i>Técnicas psicoterápicas mãe/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.</i>	06
KLEIN, M.	<i>Notes on some schizoid mechanisms. London, Hogarth Press, 1946.</i>	04
LEBOVICI, S.	<i>O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.</i>	04
MAHLER, M.	<i>O nascimento psicológico da criança. Rio de Janeiro: Psyche, Zahar Editor, 1977.</i>	04
MAHLER, M.	<i>O processo de separação individualização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.</i>	05
MÉLEGA, M.P.	<i>Observação da relação mãe-bebê: instrumento de ensino em psicanálise. Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 21, n. 4, 1987.</i>	05
SPITZ, R.A.	<i>O primeiro ano de vida. São Paulo: Martins Fontes, 1979.</i>	06
VITÓRIA, T., ROSSETTI-FERREIRA, M.C.	<i>Processos de adaptação na creche. Cadernos de Pesquisa, 86, 55-64, 1993.</i>	04
WINNICOTT, D.W.	<i>O ambiente e os processos de maturação. 3ª ed Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.</i>	04
WINNICOTT, D.W.	<i>Da pediatria à psicanálise: textos selecionados. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.</i>	04
WINNICOTT, D. W.	<i>Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1988.</i>	06

De todas as obras citadas e constantes nas referências bibliográficas do material selecionado, foram considerados para análise apenas aqueles que apresentaram frequência igual ou acima de quatro vezes. As demais foram descartadas em função da baixa frequência e por tornar a lista excessivamente longa, apresentando uma dispersão muito grande que, a nosso ver, não faria sentido apresentá-las todas aqui. Contudo, esses dados descartados serão ponderados posteriormente.

A obra mais indicada é a de Esther Bick, “Notes on infant observation in psychoanalytic training”, de 1964, com n=15, provavelmente em função de que o método de observação da relação mãe-bebê criado pela autora tenha extrapolado seu objetivo inicial de contribuir para a formação psicanalítica, passando a ser também utilizado como um método que permite construir conhecimento e propiciar as bases necessárias para posterior intervenção em determinados contextos e situações. Isto se evidencia nos trabalhos de Alves (2000), Mélega (1990), Lejderman e Kompinsky (2000), Martini (2000) e Wirth (2000).

A segunda obra mais referenciada, com n=12, foi “Apego e perda: apego”, de Bowlby. Provavelmente esse dado se relacione com o fato de que a teoria do apego, proposta pelo autor acima indicado, refira-se a um vínculo afetivo primário do bebê com a mãe, propondo um modelo explicativo para como se processa tal vínculo. Chama a atenção o fato dessa obra se destacar como uma das mais indicadas nas referências do material selecionado, porque há controvérsias quanto à teoria do apego no campo psicanalítico. Mas os autores que o referenciam parecem se utilizar dela como suporte teórico para suas discussões e não como detratores. Talvez tais autores compartilhem de algum modo com a posição de Golse (2004, p. 33), que afirma:

Pessoalmente, eu me esforço desde alguns anos para tentar mostrar que a teoria psicanalítica e a teoria do apego são de fato muito mais complementares do que pensamos ou do que dizemos, e já é tempo

que os psicanalistas suspendam o anátema que lançaram sobre o conceito de apego.

Em terceiro lugar aparecem três trabalhos, cada um com $n=6$, sendo que apenas o de Cramer e Palacio-Espasa se refere propriamente à intervenção com bebês; os demais, de Spitz e de Winnicott se constituem em trabalhos de grande repercussão teórica acerca dos processos iniciais do desenvolvimento emocional.

Mudando da perspectiva das obras mais indicadas para a dos autores mais referenciados, tendo por base a presente tabela, destaca-se Bowlby com a maior frequência ($n=21$), embora esse valor se divida em três obras distintas, o que, de qualquer modo, parece evidenciar a importância do autor nessa área de estudo. Não obstante, é interessante observar que em segundo lugar encontra-se Bick, com 15 indicações nas referências do material selecionado e todas elas se referindo a um único trabalho.

Na sequência encontra-se Winnicott, com $n=14$, e Bion, com $n=13$, sendo tal resultado a somatória da indicação de três obras de cada autor. E com duas obras referenciadas cada um, em quinto lugar aparecem Brazelton et al. ($n=9$) e Mahler, também com $n=9$.

Ainda com o propósito de determinar as influências teóricas predominantes nos trabalhos de autores brasileiros, na Tabela 4 serão apresentados alguns dados que também foram coletados a partir do levantamento das referências bibliográficas contidas no material selecionado.

Enquanto que na tabela anterior se privilegiou as obras e autores mais indicados a partir de um critério de corte previamente estabelecido, conforme já indicado anteriormente, na Tabela 4 os dados aparecem na sua totalidade, pois nenhum foi descartado. Desse modo, foram cruzados os autores, a quantidade de suas obras que foram referenciadas e o número de ocorrências. Entende-se por ocorrência a quantidade de vezes em que o nome de um determinado autor foi indicado nas referências bibliográficas do material selecionado

analisado, sem levar em consideração a qual obra se referia. Por outro lado, tentando-se ponderar mais detidamente sobre a relação entre a quantidade de obras citadas e o número de ocorrências, procurou-se estabelecer um índice médio entre essas duas categorias, buscando mais um parâmetro que contribuísse com a análise. Para tanto, dividiu-se o número de ocorrências pela quantidade de obras citadas de cada autor, sendo que o resultado constituir-se-ia no índice médio.

Tabela 4

AUTORES, Nº DE OBRAS INDICADAS E Nº DE OCORRÊNCIAS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO MATERIAL SELECIONADO			
AUTOR	QUANTIDADE DE OBRAS CITADAS	OCORRÊNCIAS	ÍNDICE MÉDIO
BALABAN, N.	02	04	2
BELSKY, J. ⁽¹⁾	10	10	1,0
BICK, E.	02	18	9,0
BION, W. R.	08	24	3,0
BOWLBY, J.	06	27	4,5
BRAZELTON, T. B. ⁽¹⁾	12	23	1,9
BRÊTAS, J. R. S. ⁽¹⁾	04	05	1,3
CARON, N. A. ⁽¹⁾	05	05	1,0
CRAMER, B. ⁽¹⁾	03	10	3,3
CROCKENBERG, S. ⁽¹⁾	04	04	1,0
EGELAND, B. ⁽¹⁾	04	04	1,0
FEIN, G.G. ⁽¹⁾	02	04	2,0
FIELD, T. M. ⁽²⁾	05	05	1,0
FREUD, S.	21	23	1,1
KARRAKER, K. H. ⁽²⁾	03	04	1,3
KLAUS, M. H. ⁽¹⁾	06	09	1,5
KLEIN, H. A. ⁽¹⁾	02	05	2,5
KLEIN, M.	06	11	1,8
LEBOVICI, S. ⁽¹⁾	07	10	1,4

MAHLER, M.	03	10	3,3
MATHELIN, C.	02	04	2,0

(1) estão incluídas tanto as obras de autoria individual do autor, quanto àquelas em que ele consta como autor principal junto com colaboradores.

(2) o autor consta como principal, sendo todas as obras de autoria múltipla.

Considerando-se a quantidade de obras indicadas nas referências bibliográficas do material selecionado, entre os autores mais referenciados destacam-se Freud (n=21), Brazelton (n=12), Belsky (n=10), Bion (n=08), Lebovici (n=07). Aparecem ainda Bowlby, Klaus e M. Klein, todos com n=06, respectivamente. Com n=05 cada um, temos Caron e Field. As demais indicações com frequências menores serão deixadas de lado, por enquanto. Tomando-se os dados pelo número de ocorrências, entre os autores mais citados encontram-se Bowlby (n=27), Bion (n=24), Brazelton e Freud (ambos com n=23 cada um), Bick (n=18), M. Klein (n=11). Em sexto lugar, com n=10, respectivamente, tem-se Belsky, Cramer, Lebovici e Mahler. Na sequência encontram-se Klaus (n=09), Brêtas, Caron, Field e H. A. Klein, com n=05 cada um. Deixa-se de lado, provisoriamente, as outras ocorrências com frequências menores. O que ressalta desses dados é que predominam autores estrangeiros, em sua maioria, europeus, destacando-se apenas uma autora brasileira, N. A. Caron, e evidencia-se uma alta incidência de obras e ocorrências de autores que não desenvolveram estudos especificamente dentro da temática de intervenção com bebês, como Freud, Bion, Klein e Mahler. Essa última situação parece sugerir que os autores brasileiros buscam nos autores clássicos subsídios conceituais que fundamentem suas discussões e suas práticas.

Quanto ao índice médio de ocorrências por obra referenciada, observa-se que o mais alto é de Bick (9,0), seguida de Bowlby (4,5), Cramer e Mahler com 3,3 cada um, Bion (3,0), H. A. Klein (2,5), dentre outros com índice médio igual ou menor que 2,0. Estes dados parecem confirmar os anteriores, ressaltando a importância de autores estrangeiros,

principalmente europeus (e aqui se acrescenta, britânicos), dentro do contexto da produção psicanalítica brasileira sobre intervenção com bebês. Destaca-se também a importância de Esther Bick e seu método de observação da relação mãe-bebê (APPIO; MATTE, 1999; BENELLI; SAGAWA, 2000; CARON, 1995; CARON et al., 1999; MÉLEGA, 1995; ROSA, 1995), tanto que com apenas duas obras citadas a autora apresentou o maior índice médio.

A partir dos textos que compuseram o material selecionado, foi possível identificar várias possibilidades de intervenção precoce com bebês, realizadas em contextos clínicos e não-clínicos, sendo que todas elas possuem um ponto em comum, pois ressaltam a importância das primeiras relações e também privilegiam a necessidade de existir um olhar diferenciado para o bebê. Olhar este capaz de percebê-lo enquanto um ser dependente, embora com muitas potencialidades. Dependente por necessitar ser atendido tanto em suas necessidades biológicas, quanto psíquicas, com potencialidades por não ser passivo na relação que estabelece com o adulto responsável por seus cuidados (COELHO FILHO; POSSA, 2002; CORRÊA, 1998; MALDONADO, 2002; RODRIGUES, 1997; RODRIGUES et al., 1993).

Os autores que ressaltaram a importância desse olhar do adulto que permite acolher as angústias do bebê e atender as suas necessidades fundamentaram-se principalmente no trabalho de Esther Bick, particularmente atentando ao seu texto *Notes on infant observation in psychoanalytic training*, de 1964, justifica a sua alta frequência de indicações e o maior índice médio, conforme as Tabelas 3 e 4.

Outro aspecto em comum nas intervenções é a ênfase na promoção e manutenção do vínculo entre a díade (AGOSTINHO, 2002; CACILHAS, 1993), a qual é tomada em seu sentido mais amplo, conforme aponta Resende e Araújo (1999), de modo que todas as relações da criança com o cuidador são consideradas como sendo uma díade, priorizando o

estabelecimento desse vínculo. Como um modo facilitador desse processo, Mélega (s. d.[a]; s. d.[b]; 2001), Pernambuco e Palmigiani, (s. d.) destacam o papel do observador psicanalítico por se apresentar como um continente materno e se constituindo como uma nova identidade profissional que possibilita diferentes tipos de intervenção baseados na cuidadosa observação.

Diante disso, podemos destacar que as intervenções que utilizam como suporte a observação da relação mãe-bebê, tanto em contextos clínicos como não-clínicos, visam propiciar condições para que o bebê possa dispor de um ambiente acolhedor. Tal ênfase na importância do bebê vincular-se, verificada em todas as intervenções propostas, pode ser relacionada, além das diversas teorias psicanalíticas, com o fato da obra de Bowlby ter apresentado o maior número de ocorrência, ou seja, igual à 27, conforme demonstra a tabela 4 ser o mais citado nas referências bibliográficas do material selecionado, por entender o apego como uma necessidade básica da criança.

Em todos os textos referentes ao material selecionado é possível identificar a ênfase por parte dos autores de que o bebê seja considerado um ser biopsicossocial, não se perdendo de vista os inúmeros fatores que podem interferir para o desenvolvimento do bebê, bem como para o estabelecimento de um vínculo que lhe possibilite um lugar no desejo daqueles que por ele são responsáveis (TEPERMAN, 1999; 2000).

Martini (2000) reconhece que a natureza do vínculo é determinada pelo estado materno somado ao ambiente e ao potencial inato do bebê. Zavaschi et al. (1997) e Wendland-Carro e Piccinini (1995) apontam outros aspectos influenciadores no desenvolvimento da relação a ser estabelecida entre mãe e filho, tais como: características genéticas, valores culturais, situação sócio-econômica, saúde física e mental da mãe, história prévia da mãe, desejo de um ou outro sexo para o bebê e a participação do companheiro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do material selecionado foi possível identificar diversas possibilidades de intervenção com bebês, a partir do referencial psicanalítico, em contextos clínicos e não-clínicos, bem como categorizá-lo, destacando-se o artigo de periódico como o principal tipo de produção utilizado para a divulgação dos trabalhos, sobressaindo-se aqueles de delineamento teórico-prático e comunicação da prática, bem como evidenciam as influências predominantes de autores estrangeiros na produção escrita dos autores brasileiros. Quanto a esse último aspecto, a tônica recai particularmente sobre autores europeus e suas obras, sobretudo britânicos, sendo os mais indicados E. Bick e J. Bowlby.

Embora inúmeros outros autores sejam indicados e suas influências sejam perceptíveis no trabalho dos brasileiros, o destaque encontrado em torno de Bick, que criou um método de observação da relação mãe-bebê, e Bowlby, com sua teoria do apego, aponta para duas questões. Uma delas diz respeito a que a maioria das modalidades de intervenções com bebês, como constam no material selecionado, tem como suporte o método de Bick e, embora sejam de suma importância, é preciso considerar que, não obstante pouco citadas, existem outras formas de intervenção, as quais mereceriam uma investigação mais aprofundada no contexto da realidade brasileira, o que pode contribuir para a ampliação das possibilidades disponíveis à população em geral.

A outra questão remete diretamente à controvérsia quanto à teoria do apego, de Bowlby, no campo psicanalítico, que, por sua vez, também sugere a necessidade de maiores estudos quanto a sua complementariedade ou não com a teoria psicanalítica.

Além das duas questões acima levantadas, tendo em vista que o período de abrangência do material selecionado restringiu-se ao período de 1987–2002, conforme

justificado no item 2.1, vemos como necessária a continuidade da investigação do presente tema abrangendo o período posterior ao abordado nesse estudo.

5. REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, D. R. A importância da intervenção precoce em UTI neonatal para o restabelecimento do vínculo mãe-bebê. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- ALVES, M. M. O. Contribuições da observação mãe-bebê para a prática pediátrica. In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 348-357.
- APPIO, D.; MATTE, L. D. S. Método Esther Bick: um caminho para a pesquisa qualitativa. *Aletheia*, v. 10, p.51-58, 1999.
- BENELLI, S. J.; SAGAWA, R. Y. Observação da relação mãe-bebê pertencentes à classe trabalhadora durante o primeiro ano de vida. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 22-32, 2000.
- CACILHAS, A. A. Considerações sobre a comunicação e o vínculo mãe-bebê e correlações com o trabalho psicoterápico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 15, n. 3, p. 227-233, 1993.
- CARON, N. A. Fundamentos teóricos para aplicação do método de E. Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 29, n. 2, p. 283-291, 1995.
- CARON, N. A. Intervenções psicoterápicas nas relações primitivas pais-bebê. In: MÉLEGA, M. P. (coord.). *Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick: tendências*. São Paulo: Unimarco, 1997. p.149-160.
- CARON, N. A. Terapias breves das relações pais-bebês. In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 310-328.
- CARON, N. A. et al. O perigo mora em casa: a violência na vida cotidiana e suas vicissitudes na relação mãe-bebê-observador. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre v. 6, n. 1, p. 93-105, 1999.
- CHAHON, V. L.; SILVA, A. P. ARAÚJO, F. R. Observando bebês na creche: uma adaptação do método psicanalítico. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E

- PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- COELHO FILHO, J. G.; POSSA, A. C. Teoria winnicottiana do amadurecimento e paciente regredido. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- CORRÊA, C. A. A. Q. Clareando... a história de um desmame precoce ou de um parto tardio. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre; v. 5, n. 3, p. 405-414, 1998.
- CRAMER, B. *Profissão bebê*. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- EDELSTEIN, T. M. A interação mãe-bebê: os sintomas psicossomáticos e o pediatra. *Pediatria Moderna*. São Paulo, v. 36, n. 12, p. 70-74, 2000.
- GOLSE, B. O bebê, seu corpo e sua psique: explorações e promessas de um novo mundo (apego, psicanálise e psiquiatria perinatal). In: ARAGÃO, R. O. (org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.15-40.
- GOMES, A. L. H., Vínculo mãe-bebê pré-termo: as possibilidades de interlocução na situação de internação do bebê. *Estilos da Clínica*, v. 6, n. 10, p. 89-100, 2001.
- HOEFEL, B. O que a clínica com bebês tem nos ensinado? *Revista da Associação Psicanalítica*. Curitiba, v. 5, n. 5, p. 133-136, 2001.
- JERUSALINSKY, J. Do neonato ao bebê: a estimulação precoce vai a UTI neonatal. *Estilos da Clínica*. São Paulo; v. 5, n. 8, p. 49-63, 2000.
- LEJDERMAN, A. T.; KOMPINSKY, E. Caráter preventivo da aplicação da observação da relação mãe-bebê em uma creche In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 268-290.
- MAGGI, A.; PEREIRA, S.; PANIZ, S. Acompanhamento psicológico a mães e bebês de risco no Hospital Geral de Caxias do Sul – Aproximação entre pesquisa e assistência. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- MALDONADO, S. D. Algumas considerações sobre o trabalho do psicólogo com bebês. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- MALTZ, R. S. Terapia do vínculo pais-bebê. In: MÉLEGA, M. P. (coord.). *Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick: tendências*. São Paulo: Unimarco, 1997. p.181-187.
- MARRECO, D. F. et.al. Vicissitudes na hospitalização de crianças. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 7, n. 1, p. 30-33, 1987.

MARTINI, I. I. Em uma enfermaria de cardiologia pediátrica: uma aplicação do método de ORMB. In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p. 232-248.

MÉLEGA, M. P. Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos. Uma nova entidade profissional? In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos*. São Paulo: M. P. Mélega, s. d.(a), p. 19-22.

MÉLEGA, M. P. A prática da observação da relação mãe-bebê e sua contribuição à formação analítica. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Conduta humana: estudo e investigação - observação psicanalítica e outros métodos*. São Paulo: M. P. Mélega, s.d.(b), p. 7-16. (Publicações Científicas, 4).

MÉLEGA, M. P. Observação da relação mãe-bebê-família: uma metodologia para ensino pesquisa e psicoprofilaxia. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Observação mãe-bebê*. São Paulo: M. P. Mélega, 1990. p.17-22. (Publicações Científicas, 2.).

MÉLEGA, M. P. A supervisão da observação da relação mãe-bebê: ensino e investigação, *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 29, n. 02, p. 263-280, 1995.

MÉLEGA, M. P. A contribuição de Esther Bick à clínica psicanalítica. *Psyché*. São Paulo, v. 7, n. 5, p. 69-83, 2001.

MÉLEGA, M. P. Gerando significados no trabalho com pais-crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.36, n.3, p. 531-540, 2002.

MÉLEGA, M. P.; PALMIGIANI, M. G. O observador psicanalítico no atendimento pediátrico. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos*. São Paulo: M. P. Mélega, s. d., p. 37-49.

NALDONY, M. W. O observador psicanalítico na pré-escola. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não-clínicos*. São Paulo: M. P. Mélega, s. d., p. 51-63.

PERNAMBUCO, A. R. C. A; PALMIGIANI, M. G. O observador psicanalítico vai à instituição: uma experiência. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. *Observação mãe-bebê*. 2. ed., São Paulo: M. P. Mélega, s.d., p. 89-103.

PEREIRA, A. B. Bebês prematuros em uma UTI neonatal: a escuta de um apelo. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.

RESENDE, T. I. M.; ARAÚJO, T. C. C. F. Relacionamento mãe-criança com câncer: a importância da díade afetiva. *Psico*. Porto Alegre, v. 30, n 1. p. 51-65, 1999.

- RODRIGUES, A. M. P. A ambivalência em dar o colo - vinhetas clínicas de uma observação da relação mãe-bebê. *Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul*. v. 19, n. 3, p. 194-201, 1997.
- RODRIGUES, A. M. P. et al. O desenvolvimento emocional do bebê - novas perspectivas e repercussões na prática da psiquiatria. *Revista Psiquiátrica do Rio Grande do Sul*. v. 15, n. 2, p. 123-132, 1993.
- ROSA, J. A. A. C. Reflexões sobre o ambiente facilitador no desenvolvimento psíquico do recém-nascido In: CARON, N. A. (org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.61-96.
- ROSA, J. C. Reflexões sobre o método da observação da relação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo; v. 29, n. 2, p. 299-305, 1995.
- SANTOS, F. M. S.; MOURA, M. L. S. A creche como contexto de desenvolvimento: representações e interações durante o período de inserção de mães e bebês na instituição. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.
- SIGAL, A. M. Transformações na clínica psicanalítica: uma nova forma de abordar o trabalho com os pais. *Psyche*, v. 5, n. 8, p. 151-169, 2001.
- SILVA, M. C. P. Um self sem berço. Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 541-565, 2002.
- SILVA, M. S. Atendimento psicológico ambulatorial para crianças de baixa renda. *Psico*, v.16, n.2, p. 208-215, 1988.
- SZEJER, M. A escuta psicanalítica dos bebês desde o nascimento. In: SZEJER, M. *A escuta psicanalítica de bebês em maternidade*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 13-29.
- SZEJER, M. *Palavras para nascer: a escuta psicanalítica na maternidade*. Trad. Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- TEPERMAN, D. W. Do desejo dos pais ao sujeito do desejo. *Estilos da Clínica*. São Paulo; v. 7, n. 4, p. 151-158, 1999.
- TEPERMAN, D. W. Um bebe amorfo no colo de sua mãe. *Estilos da Clínica*. São Paulo; v. 8, n. 5, p. 24-37, 2000.
- TRAD, P. V. *Psicoterapia breve pais/bebê*. Trad. Maria Cristina Muller e Maria Elisa Schestatsky. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VALANSI, L.; MORSCH, D. O psicólogo como facilitador do desenvolvimento do apego em UTI neonatal. In: CONGRESSO BRASILEIRO PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 1., São Paulo. *Anais...* São Paulo: Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, 2002.

WENDLAND-CARRO, J.; PICCININI, C. A., Intervenção precoce mãe-bebê: perspectivas de intervenção para a promoção do desenvolvimento infantil, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 8 n. 1, p. 111-144, 1995.

WIRTH, A. F. Aplicação do método de observação de bebês em uma UTI neonatal In: CARON, N. A.(org.). *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.207-231.

WITTER, G. P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1990.

ZAVASCHI, M. L. S. et.al. Influência da separação precoce na interação mãe-bebê. *Revista ABP-APAL*, v. 19, n.1, p. 18-24, 1997.